

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2014

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutor Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO - M. Fernandes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS, 20, 2013

“O LIVRO E SEUS CONTEÚDOS”

Raquel Vilaça¹

Exmo. Senhor Vice-Presidente da Academia das Ciências de Lisboa e Presidente da Classe de Ciências,
Prof. Doutor Luís Aires-Barros

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Paulo Vistas

Exmo. Senhor Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, Prof. Doutor João
Luís Cardoso

Prezados Investigadores, Colegas, Estudantes

Minhas Senhoras e meus Senhores

Quero começar por agradecer ao Prof. Doutor João Luís Cardoso o convite para apresentar este livro, dizendo que, não só o faço com muito gosto, como é para mim uma honra poder fazê-lo neste belo espaço da prestigiada Academia das Ciências de Lisboa.

O livro a que o Prof. João Luís Cardoso empresta o nome como editor científico e do qual tenho neste momento o privilégio de tecer algumas palavras de apresentação é, sem margem de dúvida, um acontecimento no panorama das publicações arqueológicas no nosso país. Pela forma e substância, pela existência e persistência.

Bem executado, de elevada qualidade gráfica e profusamente ilustrado com imagens a cores e a preto e branco, o leitor encontra ao longo das 800 páginas que dão corpo ao vigésimo volume dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vinte e cinco artigos assinados por vinte e nove investigadores, de distintas instituições, entre universidades, centros de investigação, câmaras municipais, museus.

Com temáticas muito díspares mas coordenadas de forma eficaz, seguramente com muito trabalho e decerto com infinita paciência, encontramos neste objecto de capa dura e com a tonalidade da esperança não um mas, de um certo ponto de vista, três livros, já que é tripartida e independente a sua organização.

Em primeiro lugar, os textos da Homenagem que a Câmara Municipal de Oeiras e a Academia das Ciências de Lisboa entenderam fazer pelos 200 anos do nascimento de Carlos Ribeiro, concretizada no Seminário que hoje nos reuniu durante a tarde.

Em segundo lugar, as comunicações apresentadas ao Colóquio “Sistemas de povoamento do Centro e Sul do território português no decurso do Bronze Final”, cuja realização, a 23 de Outubro de 2012 na Fábrica da

¹Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Pólvora de Barcarena, foi um êxito, desde logo pela afluência de público, tendo sido numerosa a presença de estudantes.

Em terceiro lugar, os estudos que versam a Arqueologia regional e a História da Arqueologia, lídimos exemplos de que nem a Arqueologia (e todos nós) pode viver sem a História, nem os objectos e sítios arqueológicos fazem sentido desintegrados das regiões.

Mas antes das partes e dos conteúdos, ainda o livro no seu todo, como evoca o título atribuído à minha intervenção –“O livro e seus conteúdos”–, porque este é um livro que honra o passado e compromete o futuro.

Por outras palavras, trata-se da materialização, pela vigésima vez, de um projecto editorial que o Município oeirense abraçou em 1991 e que tem vindo a acarinhar regular, continuada e empenhadamente. Além do mais, dispensando ainda meios técnicos e financeiros invejáveis que qualquer um de nós, também editores, gostaria de dispor.

Refiro-me, claro está, não tanto ao livro mas à revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, com espaço nacional e internacional merecidamente conquistado e por todos reconhecido. Tratando-se de uma edição de Arqueologia da responsabilidade de um município, não tenho dúvida alguma em afirmar que, mesmo tendo sido breve e pouco sistemática a pesquisa que fiz, trata-se, dentro do género, da melhor publicação dedicada à Arqueologia no nosso país em que o editor é uma Câmara Municipal. E nos vinte volumes já dados à estampa, de grande riqueza e diversidade temática, contam-se também os que mereceram abordagem monográfica, igualmente variável, como bem ilustram, por exemplo, o 3.º, dedicado ao Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa, ou o 19º que versou a Arqueometria. Portanto, uma publicação ainda de largo espectro.

Passemos, então, aos conteúdos.

Por motivos óbvios, não carecendo de justificação alguma, serei muito célere quanto ao primeiro bloco, dedicado a Carlos Ribeiro. Dos nove textos distribuídos pelas cerca de 140 páginas e que hoje já escutámos, sublinharia apenas que era hora de se dedicar síntese ao geólogo e arqueólogo. Investigador com nome indissociável da primeira arqueologia oeirense, é (foi) com ele que se inaugurou a série *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, publicando-se em *fac-símile* a sua monografia sobre o povoado pré-histórico de Leceia, devidamente anotada e comentada por João Luís Cardoso, o verdadeiro obreiro da construção de conhecimento desta estação arqueológica.

Agora são reunidos, pela mão de competentes e prestigiados investigadores, dados, documentos inéditos e contributos sobre o trabalho do grande impulsionador da Arqueologia no seio da “Comissão Geológica”. E as observações sobre a qualidade, seriedade e pioneirismo do trabalho de Carlos Ribeiro, como geólogo, arqueólogo ou antropólogo, são unânimes. Um investigador, portanto, ligado a Oeiras e à escala desta Academia que, já não sendo Real, permanece nobre. Em muito boa hora teve Carlos Ribeiro a homenagem merecida.

Da diversidade de temáticas corporizadas na acção de Carlos Ribeiro, passamos à problemática específica dos sistemas de povoamento do Bronze Final em território português.

Analisados, como referi antes, no Colóquio que teve designação idêntica, gostaria de sublinhar em primeiro lugar, como escrevi, que se trata de oportuna actualização e sistematização de dados e reflexões corporizando a primeira síntese de alcance nacional sobre o Bronze Final. Por isso, com lugar garantido nos anais da História da arqueologia portuguesa.

Aos seis textos decorrentes das respectivas apresentações, infelizmente nem todas agora em letra de forma, junta-se um outro centrado na cronologia absoluta do Bronze do Sudoeste.

Merece a pena começar por destacar este contributo, na medida em que os autores, Rui Mataloto, José Martins e António Monge Soares, sistematizam e discutem criteriosamente a informação disponível sobre

periodizações e cronologias correlacionáveis com o conceito criado por Schubart nos anos sessenta e indo mesmo além dele. Para isso, beneficiaram de muitos dados inéditos, ou só recentemente dados a conhecer, nomeadamente no quadro da “revolução empírica”, como já foi designada, proporcionada pelos trabalhos do Alqueva e outras obras públicas sobretudo do último decénio. No total, abarcando também território espanhol, trabalharam com o impressionante número de cerca de 300 datas de radiocarbono, alvo de tratamento estatístico, que se traduziram em nova proposta cronológica para o Bronze do Sudoeste.

Os restantes textos são, na totalidade, votados ao povoamento regional, do Norte ao Sul do país.

Enquanto Ana Bettencourt se ocupou do Noroeste, atendendo aos povoados, aos modos de subsistência, à actividade mineira e metalúrgica, não esquecendo os mortos e os lugares cerimoniais, Carlos Oliveira procura resgatar o Bronze Final do Algarve, que tem andado fugidio, entre os espaços habitados e os espaços funerários, passando pelas grutas e os designados achados isolados. Dele, ou melhor, de ambos (do Bronze Final do Algarve e do Carlos Oliveira) esperamos ainda muito mais.

Do Centro-Norte ocupou-se Senna-Martinez, que faz oscilar a sua análise entre o interior e o litoral num largo espectro regional, dando particular atenção aos recursos mineiros e convocando também informação que vai além do Bronze Final, datável dos séculos VII-VI a.C., como cerâmicas e metais, nomeadamente do Nordeste Transmontano, onde tem trabalhado nos últimos anos.

As terras mais interiores do território português são igualmente passadas em revista, primeiro, por Raquel Vilaça, que se centra na Beira Interior olhando através de distintos marcadores espaciais por onde perpassam materialidades e simbolismos que traduzem inclusão, aproximação, cruzamento e hibridização cultural.

Depois, por Rui Mataloto, trazendo-nos um Alentejo Central que se nos vem revelando nos últimos anos à medida que este investigador desenvolve e se envolve, com mestria e densidade, nas problemáticas específicas de uma região. Região que, não sendo atlântica, muito deverá, porém, à “atlanticidade” marca indelével da época e que rasgou fronteiras ancestrais. Especial interesse, pelo ineditismo, são os dados de Évoramonte.

O périplo termina pela mão de Monge Soares no Baixo Alentejo Interior, estruturado pelo médio Guadiana. Percorrem-se os sítios de habitat, uns conhecidos de há muito, outros beneficiando das revelações produzidas pela arqueologia dita de salvamento, ressaltando, do conjunto, a assinalável diversidade que os envolve e que o autor sistematiza devidamente.

E, chegados ao terceiro bloco, são mais nove os textos que importa ainda comentar.

Entre eles, revisitamos estações emblemáticas da região de Lisboa e da Estremadura, como Leceia, Lapa do Fumo ou Vila Nova de São Pedro.

Na primeira, encontramos um minucioso e sistemático estudo dos seus utensílios de pedra lascada no total de 1146 artefactos, profusamente ilustrados, em trabalho assinado por João Luís Cardoso e Filipe Martins.

Na Lapa do Fumo (Sesimbra), Ana Margarida Arruda e João Luís Cardoso recordam-nos a sacralidade do espaço ao mesmo tempo que nos revelam a sua ocupação sidérica com elementos insuspeitos, como cerâmicas de grande interesse, caso de um *skyphos* ou das estampilhas de abelhas, e devidamente valorizados no seu enquadramento local e regional.

A Vila Nova de São Pedro é dedicado texto sobre as três décadas de escavações ininterruptas que o sítio conheceu e o impacto nacional e internacional correspondente, aspectos sistematizados pela aturada pesquisa documental de João Luís Cardoso e Maria Ribeiro.

Revisitada é ainda, pela mão de João Luís Cardoso, a gruta da Ponte da Lage (Oeiras), importante necrópole campaniforme que se sugere ter sido, pela proximidade, possível local de enterramento dos habitantes do povoado aberto de Freiria (Cascais).

Da ocupação campaniforme deste último, com materiais e estruturas preservadas, ocupa-se ainda João Luís Cardoso juntamente com Guilherme Cardoso e José d'Encarnação, responsáveis científicos pelas esca-

vações desenvolvidas nesta *villa* romana que, desde o início dos anos oitenta, quando foi descoberta, logo revelou que o lugar não seria só romano.

As páginas dedicadas ao Calcolítico regional são ainda as que se centram, de novo com o labor de João Luís Cardoso, no povoado fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra). Subindo ao morro, como foi meu privilégio, entende-se melhor a sua ocupação por gentes que, olhando a terra e o mar, não elegeram por algum motivo a cerâmica campaniforme entre as suas produções ou aquisições, mas manipularam, por exemplo, interessantes peças cerâmicas decoradas que se consideram pesos de tear.

Muito pertinente é também o texto assinado por vários investigadores espanhóis e portugueses (Carlos Odriozola, Rodrigo Villalobos, Rui Boaventura, Ana Catarina Sousa, Martínez-Blanes e João Luís Cardoso) que se baseia no estudo de 81 contas de colar de cor verde, onde se contam, naturalmente, as variscites, provenientes de Leceia, Penha Verde e Moita da Ladra. Creio ser de justiça mencionar, a este propósito, o pioneirismo em Portugal da investigação de Huet Bacelar Gonçalves sobre esta temática.

O Bronze Final da península de Lisboa está presente nas páginas que Rui Boaventura, João Pimenta e Edgar Valles dedicam ao Castelo da Amoreira (Odivelas), resgatando dados omissos e que se encontravam dispersos, ao mesmo tempo que perspectivam a continuidade dos trabalhos numa estação importante se bem que ainda por avaliar na sua essência.

E chegamos ao fim com mais um texto de Ana Cristina Martins sobre a História da Arqueologia, focando-se desta vez nos contributos de Manuel Heleno a respeito do seu entendimento sobre a ancestralidade do ser português, no contexto, conforme é igualmente assinalado, do chamado “Estado Novo”.

Em suma, temos um livro que, pelo elevado interesse, novidades e diversidade temática, será seguramente procurado por muitos. Na impossibilidade de me deter com igual peso e medida sobre todos os contributos reunidos no livro, e sem prejuízo de ter sido injusta na selecção mais aturada que fiz, espero ter cumprido o objectivo último: motivar os ouvintes [e agora os leitores] para a sua leitura. Se para uns ela teria sido desnecessária porque o nome da revista é garantia bastante por si só, para outros espero que as minhas palavras tenham servido para uma chamada de atenção, naturalmente subjectiva, para este ou aquele assunto, para esta ou aquela estação. E espero, evidentemente, ter estado à altura das expectativas do convite do Prof. João Luís Cardoso, que agradeço de novo, bem como a todos vós pela atenção que me dispensaram.

*Academia das Ciências de Lisboa
23 de Junho de 2014*